

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: CARLOS REICHENBACH
12 e 15 de Outubro de 2022

ANJOS DO ARRABALDE / 1986

As Professoras

um filme de Carlos Reichenbach

Realização e Argumento: Carlos Reichenbach / **Fotografia:** Conrado Sanchez / **Montagem:** Eder Mazini / **Música:** Manoel Paiva, Luis Chagas / **Direção Artística:** Sebastião de Sousa / **Intérpretes:** Betty Faria, Clarisse Abujamra, Irene Stefania, Vanessa Elves, Enio Gonçalves, Emilio Di Biasi, Nicole Puzzi.

Produção: A.P. Galante-Embrafilme / **Produtor:** António Polo Galante / **Cópia:** da Cinemateca Brasileira, em 35mm, colorida, versão original com legendas eletrónicas em inglês, 104 minutos / Inédito em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa: 16 de Outubro de 1996 (Ciclo Os Tesouros de Bruxelas: O Prémio L'Âge d'Or)

AVISO: A cópia da curta-metragem **DESORDEM EM PROGRESSO** que nos foi enviada apresenta muita degradação ao nível da imagem e do som, inviabilizando a sua exibição pública. Até ao último momento procurámos uma alternativa, mas infelizmente não arranámos outra cópia, pelo que o filme não poderá ser exibido nesta sessão, mostrando-se apenas a longa-metragem ANJOS DO ARRABALDE.

Carlos Reichenbach não é apenas um dos representantes do cinema "paulista" no Brasil, é também, neste campo um dos autores do chamado "cinema boca do lixo". Numa entrevista o realizador chama a atenção para a diferença entre este tipo de filmes e aquele que é conhecido como o "boca do lixo", algo entre a porno-chanchada e o soft-porno. Aquele "cinema boca do lixo" explora tanto os métodos do outro como, inclusive, recorre aos mesmos produtores (ou sistema de produção) para, a partir deles os subverterem de forma consciente. Trata-se de utilizar aqueles modelos e os de outras subculturas e géneros populares. Em **Anjos do Arrabalde**, uma das suas obras de maturidade, exploram-se em particular os modelos da telenovela e das séries de televisão para os por ao serviço de uma obra provocante e que denuncia a própria influência que eles exercem nas pessoas, criando uma série de arquétipos que transformam comportamentos e formas de vida. Mas, principalmente, denunciando o que está na base do fenómeno de origem e nas suas consequências: um mundo de exploração económica e social que desumaniza as pessoas.

Carlos Reichenbach representa, por isso, assim como muitos dos cineastas brasileiros da sua geração, uma ruptura com a mais famosa e conhecida geração que lhe é anterior, a do que se chamou do "cinema novo", de Glauber Rocha, Guerra, Sarraceni, Farias, etc., que se desenvolveu à sombra de Nelson Pereira dos Santos reivindicando a herança de Mário Peixoto e Humberto Mauro. O cinema de Reichenbach coloca-se esteticamente no lado oposto, aquele que aquela geração contestou, o da busca de um caminho popular através de modelos da subcultura. Mas no fundo, o objectivo é o mesmo, o de denunciar a miséria e a violência. Será mais eficaz? Não é o cinema que traz as mudanças políticas e sociais. Quando muito pode servir de testemunho. E deste ponto de vista os filmes de Reichenbach, João Callegaro, Carlos Alberto Herbert, Paulo Rufino, Ana Carolina (todos saídos da Escola Superior de Cinema São Luiz, de São Paulo) e outros, têm, no fim de contas, a mesma

importância que no seu tempo tiveram um **Deus e o Diabo na Terra do Sol**, um **Os Fuzis**, um **Os Cafajestes**. E até com os mesmos efeitos práticos e resultados. Inclusive nas reacções da censura (praticamente todos os filmes de Reichenbach anteriores a este foram objecto de inúmeros cortes, e **Amor, Palavra Prostituta** terá ficado, segundo ele, irreconhecível). As próprias influências serão outras. O realizador de **Anjos do Arrabalde** refere que enquanto o "cinema novo" tinha como influência directa o "neo-realismo" e Eisenstein, a sua "geração" reivindica a herança da série B americana, em particular de autores como Samuel Fuller, Nicholas Ray, Bud Boetticher e a fase americana de Fritz Lang. Mas, mais importante, é a influência do cinema japonês. Aliás entre nós pouco se conhece do papel deste último nos cineastas brasileiros, em particular os de São Paulo. Reichenbach, na mesma entrevista, sublinha a importância da colónia japonesa naquela cidade possuindo vários cinemas que exibem permanentemente filmes do Japão. Aí conheceu Reichenbach as obras de Ozu e, principalmente, as de Shohei Imamura. Ora é exactamente este cineasta a influência mais importante não só em Reichenbach como noutros cineastas de São Paulo. **Em Anjos do Arrabalde** encontramos a homenagem directa com a exposição de um poster de um filme de Imamura, embora o mais importante seja como essa influência se detecta na construção deste filme. Aliás no que se refere a homenagens há no filme que vamos ver uma outra feita ao seu "mestre" brasileiro, o realizador que primeiro o apoiou e que é outra das suas influências, Luis Sérgio Person, o autor de **São Paulo Sociedade Anónima**, um dos filmes mais importantes do "cinema novo", sendo o seu nome o que Reichenbach dá à escola onde trabalham as professoras do filme e onde decorre grande parte da acção.

A influência de Imamura na obra de Reichenbach é particularmente visível na forma anti-romântica como trata uma série de episódios que fazem parte do arsenal do melodrama romântico, com o mesmo olhar "frio" e "científico" com que mostra a abjecção e o vício, o crime e a violência, frutos de um meio característico. Neste caso o dos bairros de lata, as favelas, onde as pessoas estão entregues a si mesmas, submetidas á lei do mais forte, à droga e ao crime, coexistindo num pacto de silêncio provocado pelo medo. A cena de abertura sublinha logo esta atmosfera de forma particularmente violenta: a jovem violada abandonada no chão e ameaçada pelo rapaz. O medo impedi-la-á de denunciá-lo mas não de fazer justiça por suas mãos quando a oportunidade lhe surge. O carácter subversivo do filme de Reichenbach é marcado também pela componente quase burlesca que o "excesso" na encenação (mas não das acções) dá mesmo às situações trágicas: o irmão de uma das professoras (Betty Faria) agredido e roubado pelos "dealers", a relação incestuosa que a seguir têm; o ataque da polícia a traficantes na favela; as cenas "típicas" do melodrama de "faca e alguidar", o suicídio da outra professora, a morte do sedutor crivado de balas pela rapariga, pontuadas com os cabeçalhos dos jornais ("GATINHA APAGA SEDUTOR COM 6 BALAÇOS") que aparecem num plano sequência admirável construído como o carrossel que lhe serve de centro. Se o cinema de Reichenbach, pelo que este filme revela, se aproxima do mundo real através da irrisão e do grotesco para melhor sublinhar a desumanidade dominante, é também exemplar ao nível estético, na medida em que utiliza como dissemos ao começo, os modelos da subcultura dominante. Não só usando actores conhecidos das telenovelas e séries (reconhece-se uma paródia particularmente virulenta à série **Plantão de Polícia**, antepassada da série **Polícias**), mas explorando as mesmas situações e personagens, facilmente reconhecíveis. **Anjos do Arrabalde** deixa-nos curiosos para conhecer o resto da obra de Carlos Reichenbach e dos outros cineastas de São Paulo da sua geração.

Manuel Cintra Ferreira